

---

## Conexões, atores, políticas sexuais e cidade

Uma reflexão a partir da trajetória do grupo Identidade de Campinas/SP

Vinícius Pedro Correia Zanolli e Regina Facchini

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/226>

DOI: 10.4000/pontourbe.226

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 Julho 2012

**Referência eletrónica**

Vinícius Pedro Correia Zanolli e Regina Facchini, « Conexões, atores, políticas sexuais e cidade », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 01 julho 2012, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/226> ; DOI : 10.4000/pontourbe.226

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

---

# Conexões, atores, políticas sexuais e cidade

Uma reflexão a partir da trajetória do grupo Identidade de Campinas/SP

Vinícius Pedro Correia Zanoli e Regina Facchini

---

## NOTA DO AUTOR

As pesquisas que originaram este artigo contaram com apoio do CNPq e da Pró-Reitoria de Pesquisa da Unicamp, via PIBIC/Unicamp. Adota-se como convenção que todas as categorias êmicas, sejam oriundas do vocabulário do movimento, das políticas públicas ou de gays, lésbicas, bissexuais, travestis ou transexuais entrevistados para pesquisas específicas, serão grafadas em *itálico*. As aspas são reservadas para citações diretas no corpo do texto, conceitos e categorias aproximativas utilizadas pelos autores. Agradecemos às sugestões de Isadora Lins França a este trabalho.

- 1 O que se convencionou chamar de movimento LGBT nos dias de hoje, ou seja, o movimento político em torno dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, teve seu início no Brasil no final da década de 1970 com a criação do grupo Somos (MACRAE, 1990; SIMÕES; FACCHINI, 2009). Desde então, o Movimento LGBT se tornou um dos movimentos sociais mais visíveis no cenário político brasileiro. Como sinais dessa visibilidade, temos a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, considerada a maior manifestação desse tipo no mundo, mas também a inserção das demandas de LGBT na agenda política nacional, marcada especialmente pelo lançamento do Programa Brasil Sem Homofobia, em 2004 (FACCHINI; FRANÇA, 2009).
- 2 No âmbito do desenvolvimento de políticas públicas para LGBT, é digna de nota a organização e a realização das Conferências Nacionais de Políticas para LGBT. A primeira Conferência Nacional de Políticas para LGBT foi aberta na noite do dia 5 de junho de 2008, pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (FACCHINI; FRANÇA, 2009). A segunda foi realizada entre os dias 15 e 18 de dezembro de 2011 na capital do país. (HAILER, 2011; BRASIL, 2011).

- 3 Outro acontecimento recente que reforçou a visibilidade da “comunidade” LGBT foi o julgamento, em 2011, de uma “Ação Direta de Inconstitucionalidade” e de uma Ação Direta de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) pelo Supremo Tribunal Federal (STF). No julgamento dessas ações - propostas pelo Procurador-Geral da República e pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, respectivamente - os ministros do Supremo decidiram por unanimidade que se excluem quaisquer interpretações da norma constante no artigo 1.723 do Código Civil<sup>1</sup>, que impeçam o reconhecimento de uma relação contínua, pública e duradoura entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar; a partir de então, esta passa a ser “entendida como sinônimo perfeito de família”.<sup>2</sup>
- 4 Destarte, a produção de estudos sobre esse movimento social tem crescido nos últimos anos. A maior parte dessas pesquisas, no entanto, refere-se à análise de organizações situadas em capitais, como é o caso de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre<sup>3</sup>. Este artigo é fruto de pesquisa de iniciação científica, realizada entre 2010 e 2011, propondo explorar possíveis particularidades que essa modalidade de ativismo pode assumir em cidades do interior.
- 5 A cidade escolhida para a realização da pesquisa foi Campinas. Faremos um breve parêntese para apresentá-la, visto tratar-se de uma cidade do interior que carrega especificidades, como se verá adiante.
- 6 Campinas dista 100 km de São Paulo, capital do estado homônimo. É ligada à capital por duas grandes rodovias e é sede do Aeroporto Internacional de Viracopos. De acordo com o último censo do IBGE em 2010, a população é de 1.080.113 habitantes, distribuídos em uma área de 795,004 Km<sup>2</sup>, é a terceira cidade mais populosa do Estado, ficando atrás apenas da capital e de Guarulhos. Portanto, uma cidade do interior de grande porte. É sede da Região Metropolitana de Campinas, criada em 19 de junho de 2000, através da Lei Complementar Estadual nº 870. A região é formada por 19 municípios, com população estimada em 2,7 milhões de habitantes.<sup>4</sup> Além disso, o município conta com duas grandes e importantes universidades do país, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), motivo pelo qual recebe um grande número de pessoas, que chegam todos os anos para dar início ou complementar a sua formação universitária.
- 7 A cidade conta com diversos espaços de sociabilidade GLS (sigla mercadológica utilizada para se referir a lugares frequentados por gays e lésbicas), como bares e casas noturnas, localizados nos mais variados lugares.
- 8 Além de ser uma cidade universitária de grande porte, sua escolha levou em conta o fato de ter sido a primeira a implementar um serviço público especializado no atendimento e apoio a LGBT no Brasil, o Centro de Referência GLTTB do município, inaugurado em 31 de julho de 2003 pela Prefeitura Municipal de Campinas. A pesquisa focalizou a trajetória e relações do grupo Identidade, o grupo ativista LGBT mais antigo em atividade do município.
- 9 Esta pesquisa é de caráter etnográfico: contou com observação de reuniões de ativistas, protestos e atividades organizadas pelo grupo. Foram realizadas seis entrevistas em profundidade<sup>5</sup>. O *site* e o *blog* do grupo<sup>6</sup> também foram analisados. Com a análise das atividades, mensagens, vídeos e notícias contidos tanto no *site* quanto no *blog*, foi possível cotejar o material produzido por meio de observação etnográfica e entrevistas, de modo a adensar a análise.

- 10 O que pretendemos apresentar neste artigo é uma análise da trajetória do grupo, acentuando as mudanças no ideário e na identidade institucional e política adotadas pelo mesmo, bem como as relações entre tais processos e as conexões do grupo com os atores sociais envolvidos em seu campo ativista. A exploração da articulação entre o ideário do grupo e o espaço da cidade, por meio da análise de sua atuação, é a base para relativizar tendências apontadas por pesquisas realizadas a partir da realidade de redes ativistas de ampla visibilidade nacional e de organizações atuantes em capitais brasileiras.

## O Identidade em Campinas: conexões e processos

- 11 O Identidade é o grupo ativista LGBT em atividade mais antigo da cidade de Campinas. Foi fundado em 1998, a partir de uma cisão do grupo Expressão, que editava o jornal “O Babado”. É preciso ressaltar ainda, que existem outros grupos ativistas LGBT na cidade, como o Mo.Le.Ca. e o Aos Brados. Campinas também conta com a rede E-Jovem, centro de uma rede nacional voltada para a juventude LGBT. Entre esses grupos, os dois primeiros e o Identidade, são frutos de um processo que MacRae (1990) e Facchini (2005) chamam de “reprodução por fissão” do movimento. Isso porque o Identidade surge de um grupo ativista campineiro que se denominava Expressão. O Mo.Le.Ca., por sua vez, é resultado de uma cisão interna do Identidade, e o Aos Brados também tem sua origem ligada ao Identidade e ao Mo.Le.Ca..
- 12 A seguir, procuramos recuperar a trajetória do grupo visto que, para além de importante para situá-lo, esse procedimento ganha relevância na medida em que muito comumente a história de movimentos sociais urbanos é contada a partir de desenvolvimentos que se dão em grandes capitais. Desse modo, procuramos oferecer uma contribuição no sentido de trazer a trajetória de um grupo ativista numa cidade do interior de grande porte.

### Por um novo coletivo de homossexuais

- 13 O motivo da cisão do grupo Expressão que resultou na fundação do grupo Identidade está ligado à própria edição do jornal “O Babado”. Um setor do grupo Expressão, que viria mais tarde a fundar o Identidade, considerando que deveria dialogar mais com as *lésbicas*, decidiu que a capa do jornal de março de 1998 deveria estampar um casal de mulheres, sendo que o foco principal da edição seria voltado para essa temática, visto a proximidade do 8 de março. Entretanto, contrariando negociações prévias no grupo, o conteúdo do jornal foi modificado sem aviso prévio, de modo a minimizar o enfoque dado às *lésbicas* na edição. Isso causou grande revolta nesse setor do Expressão que viria a se tornar Identidade. Ainda que, de última hora, o jornal tenha sido editado da maneira inicialmente prevista, essa situação causou um grande desgaste entre os integrantes do grupo, de acordo com o que nos narra João, ex-ativista do Expressão que fundou o grupo Identidade:

(...) nós [o setor que fundou, posteriormente, o Identidade] propusemos que a capa do jornal fosse uma foto de duas mulheres, uma foto de *lésbicas* e que o foco maior do jornal fosse esse. Fomos atrás de entrevista com Vange Leonel, com Angela Rô Rô, na época com muitas dificuldades tecnológicas, a gente não usava tanto internet, etc e tal. Mesmo assim, tanto... mais a Vange Leonel do que a Ângela foi atenciosa, respondeu a entrevista, foi super legal, e o... mas as pessoas que cuidavam da produção do jornal não éramos nós, era um outro setor do grupo. E eles sacanearam. A foto ia ser uma foto de homem e a entrevista nem ia constar no

jornal. A gente brigou muito, pegamos o material e levamos na marra. O jornal não saiu com uma boa diagramação, mas saiu com a entrevista e tudo mais. Isso gerou um mal estar muito grande. Eles, o setor majoritário no grupo, por achar que eles tinham sido atropelados e nós, por acharmos que eles tinham dado um golpe na gente.

- 14 Em decorrência desse episódio, foi realizada uma reunião para a discussão do ocorrido. Nessa reunião, muito descontentes com o que apontam como um *caráter mais festivo e menos preocupado com questões políticas* do Expressão, os integrantes do setor que propôs a edição voltada para lésbicas notificou os demais membros de sua saída do grupo.
- 15 Esse grupo de pessoas passou então a se reunir com um chamado, *por um novo coletivo de homossexuais*, buscando agregar pessoas para formar um novo grupo militante. Diversas reuniões foram realizadas e, a partir delas, definiram-se o nome, o formato institucional desejado e a linha de atuação do futuro grupo. No dia 19 de maio de 1998, o estatuto do grupo foi registrado em cartório e o Identidade passou então a *existir oficialmente*.<sup>7</sup>
- 16 No período em que realizamos a pesquisa, o Identidade se organizava juridicamente como uma ONG, dividindo-se em coordenadorias. Apesar desse formato institucional, seus integrantes afirmavam que atuava *como um movimento social*. De acordo com o *site* do grupo, as coordenadorias eram as seguintes: *de formação, de negritude e diversidade sexual, feminista, saúde, comunicação, travestis e transexuais*, além de *administração e finanças*. Ainda de acordo com o *site*, as coordenações seriam ocupadas por membros registrados do grupo, eleitos em assembleia ordinária, pelo prazo de dois anos. No entanto, a maioria dos integrantes do grupo considera essa divisão mera formalidade, e salienta que, na realidade, a ligação com essa ou aquela coordenadoria é mais fluida.
- 17 Na atualidade, apesar das diversas críticas tecidas a essa entidade por seus integrantes<sup>8</sup>, o grupo é filiado à Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), rede nacional de organizações LGBT criada em 1995, que se define como *a maior rede LGBT da América Latina*.<sup>9</sup>

## Da cisão à reaproximação

- 18 Apenas dois anos após a fundação, em 2000, o Identidade passa por um processo de fissão, da qual surge o Mo.Le.Ca. (Movimento Lésbico de Campinas), fundado por algumas das mulheres que frequentavam o Identidade, mas sentiam necessidade de um espaço onde as discussões fossem voltadas para sua *especificidade enquanto lésbicas*. Num primeiro momento, o Identidade e o Mo.Le.Ca se distanciaram, em decorrência da própria cisão, encontrando-se principalmente por ocasião da organização da Parada, atividade na qual, segundo os entrevistados, ficava clara a *divergência ideológica* entre os dois grupos.
- 19 O passar dos anos, contudo, assistiu a uma reaproximação lenta e gradual entre os dois grupos, sendo que, nos últimos quatro anos, ambos passaram a dividir a mesma sede no centro de Campinas. Em meados de 2010, a coordenadora do Mo.Le.Ca. – única fundadora que ainda permanecia no grupo até então – solicitou apoio das mulheres que integravam o Identidade para ocupar vagas remanescentes na direção do grupo lésbico, que tinha sua existência formal ameaçada pela falta de quadros. No período em que foi realizada a pesquisa, os dois grupos compartilhavam não apenas a sede, como integrantes.
- 20 É necessário ressaltar que, apesar de uma parte das mulheres terem deixado o Identidade para compor o Mo.Le.Ca., o primeiro seguiu sendo um *grupo misto* e no período da pesquisa contava com uma presença marcante de *pessoas trans, travestis e lésbicas*. Foi o

caráter misto do Identidade que possibilitou o convite para que ativistas do mesmo passassem a ocupar também posições no grupo de lésbicas, visto que o estatuto deste último reserva posições na diretoria apenas para mulheres. Sobre isso, Ana, coordenadora do Mo.Le.Ca., declara:

E eu não gostaria, por exemplo, de... quer dizer, eu acho que nem pode pelo estatuto, no estatuto só mulheres podem participar da coordenação. Então não tem como o Mateus assumir um cargo dentro do Mo.Le.Ca. Se não tiver uma mulher, não tem como ter o Mo.Le.Ca.. Mas também não adianta ter só o nome lá, proforma, né, de fachada. E aí vai fazer uma atividade sobe lá o ... pra falar no microfone em nome do Mo.Le.Ca., não dá. A gente precisa justamente da visibilidade da mulher, porque foi justamente o que fez... foi esse ponto que deu o surgimento do Mo.Le.Ca., porque pras mulheres sobrava pouco espaço de visibilidade.

- 21 Essa tensão entre lésbicas e gays, que levou uma parcela do Identidade a formar o Mo.Le.Ca., é uma tensão presente no movimento LGBT brasileiro. MacRae (1990) relata um momento em que um grupo de mulheres deixa o Somos para fundar seu próprio grupo em decorrência da necessidade de um espaço de discussão que - nas palavras das dissidentes do Somos assim como entre aquelas que fundaram o Mo.Le.Ca. - fosse voltado para *as especificidades das questões lésbicas*. Muitas dessas mulheres, por fazerem parte de grupos compostos majoritariamente por homens, o que é muito comum em grupos identificados como *mistos*, acabavam se sentindo menos visibilizadas e contempladas nas discussões, portanto, ocupando um lugar hierarquicamente inferior no movimento (MACRAE, 1990; SIMÕES; FACCHINI, 2009).
- 22 Um primeiro lugar de tensão que foi possível perceber no desenrolar da trajetória do Identidade, está relacionado a assimetrias de gênero no interior de um movimento pautado pela questão da sexualidade. Outros temas que envolvem mudanças e delimitam disputas e debates no interior do grupo dizem respeito ao modo como articular um discurso político em torno da sexualidade e às estratégias relacionadas a menor ou maior institucionalização do grupo.

### **Da “ação pela cidadania homossexual” a “luta pela diversidade sexual”**

- 23 A história do Identidade é marcada por variação no ideário político e nas estratégias utilizadas pelo grupo. Além dessa variação, há outra que diz respeito aos membros mais atuantes no grupo em diferentes momentos. Tais variações delimitam fases na trajetória do Identidade.
- 24 Essas fases, identificadas nas entrevistas dos membros da organização ativista, dizem respeito à maneira pela qual o grupo se organiza e como se relaciona com os demais atores sociais presentes no “campo” (Swartz, 1967; Santos, 1977), ou seja, são mudanças tanto no ideário político quanto no modo de atuação. A variação de integrantes, por sua vez, não se restringe apenas a haver membros mais ou menos atuantes em cada momento do grupo, implicando uma acentuada rotatividade dos integrantes. O grau de renovação de quadros fica patente ao observarmos que apenas um dos membros do grupo está presente no Identidade desde sua fundação. Tal variação mostrou-se relacionada às mudanças no ideário e nas estratégias do grupo. As fases ressaltadas aqui foram aquelas que adquiriram relevância a partir das falas, se não de todos, da maioria dos entrevistados.

- 25 A primeira fase pode ser delineada como tendo início após a estruturação do grupo, em 1998. As discussões iniciais resultam na *existência formal* do Identidade, que passou a atuar contra a discriminação e o preconceito por orientação sexual e identidade de gênero, organizando manifestos e atuando pelo recurso a vias jurídicas, processando estabelecimentos comerciais.
- 26 A segunda fase foi marcada pela execução de projetos e pela atuação na organização da parada LGBT local. Nesse período, os recursos vindos desses projetos ajudavam a manter o grupo funcionando, além de colaborar para sua atuação cotidiana, apoiando atividades como a organização da Parada do Orgulho LGBT de Campinas. Dentre os projetos, podem ser ressaltados o de prevenção de DST/Aids e o “Cidadania na Pista”. O primeiro foi realizado com travestis nas zonas de prostituição do município de Campinas. O segundo projeto visava criar um espaço onde travestis que não militavam no Identidade pudessem se relacionar com integrantes do grupo fora dos locais de prostituição e do âmbito das ações visando a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.
- 27 O fato de que um grupo *misto* execute projetos voltados apenas para um de seus *segmentos* já seria algo diferenciado em relação ao que comumente ocorre no movimento LGBT. No entanto, para além de *misto*, o Identidade é um grupo que valoriza esse fato e se quer *misto*. Ao contrário do que se poderia imaginar, a atuação voltada exclusivamente para um *segmento* reconhecido como o *mais vulnerável* não obedecia a razões de ordem prática. A etnografia e as entrevistas deixaram patente que tais projetos e, em especial o “Cidadania na Pista”, era revestido de uma importância dupla: *trazia mais travestis* para o convívio do grupo, conferindo-lhe o caráter *misto* tão desejado, e colaborava para as *discussões pós-identitárias* que surgiram no grupo. Nesta segunda motivação as travestis apareciam por si só associadas a uma possibilidade de questionamento de *identidades postas em caixinhas*:
- (...) então esse foi um momento importante, eu acho que foi aí que o Identidade começou a olhar de uma forma mais ... não sei se eu posso dizer radical, mas de uma forma um pouco menos identitária sobre as experiências. Por quê? Enquanto não tinha travesti, tinha gay, tinha lésbica, mas não tinha travesti, o tema não atingia de uma forma tão drástica a questão do corpo, da transformação e tudo que isso causa. O estigma era discutido de outra forma, família de outra forma, tudo era discutido de outra forma. Porque eu acho que a experiência das travestis escancara uma discussão que está para além do que se vivia até aquele momento com a experiência dos gays, né. (...)esse momento foi importante, porque eu também acho que consolidou a ideia inicial do grupo de ser misto né, de ter diferentes experiências, isso foi um marco importante e eu vivi. (Entrevista com Duquesa)
- 28 Esse ideário fortemente politizado e o alto grau de reflexividade interna do grupo também se revelava no modo como o grupo conduz outras atividades e estratégias políticas. O grupo participou da organização da Parada desde que ela foi fundada, deixando de organizá-la nos últimos anos. É importante ressaltar que o abandono da organização da Parada ocorreu principalmente porque parte do grupo não *via resultados com essa manifestação*. Apesar de concordar que a Parada é um espaço de visibilização, não só para o movimento político organizado, mas para toda a comunidade LGBT, boa parte dos integrantes do Identidade não via nela um espaço legítimo onde suas reivindicações pudessem *sair do papel*. Por não se tratar de uma decisão unânime do grupo, alguns membros do grupo continuaram a atuar na organização do evento. No entanto, ficou acordado que participariam como militantes individuais, sem falar em nome do Identidade. Esse episódio revela outra característica do grupo, sua diversidade ideológica, mas também o fato de que seu processo decisório interno não exige consenso.

- 29 Os arranjos cotidianos para possibilitar a convivência de tal pluralidade interna, ficam expressos quando, apesar de terem optado por deixar a organização da Parada, os ativistas do grupo Identidade participam do evento todos os anos, organizando o que chamam de *montação engajada*, uma *intervenção crítica* que, assim como a Parada, tem seu tema definido a cada ano. O termo *montação* faz alusão a *montar-se*, que é o ato de uma pessoa registrada com determinado sexo ao nascer, especialmente no caso do sexo masculino, vestir roupas tidas como próprias para o outro sexo. As críticas incorporadas nessa prática são diversas, as principais dizem respeito a convenções de gênero, especialmente as que ligam certas profissões a homens e outras a mulheres.
- 30 Outro foco importante da atuação do grupo nesse período foi a luta por políticas públicas locais para LGBT. Um ano antes do início da organização da Parada, em 2000, o PT, representado por Antonio da Costa Santos, o Toninho do PT<sup>10</sup>, venceu as eleições para o executivo municipal, tomando posse no ano seguinte, em 2001. É partir dessa gestão que a prefeitura passa a fazer uso de uma ferramenta de gestão, o Orçamento Participativo (OP). Com a implementação do OP, a administração pública da cidade convida a sociedade civil a opinar sobre a maneira como o orçamento público deve ser gasto, apontando necessidades e urgências. No processo de implantação do OP em Campinas, a participação popular estava organizada por temáticas e por regionais (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS, 2004). No entanto, o movimento LGBT não foi convidado a participar. Segue-se a isso, um período de mobilização no movimento local para que a questão LGBT fosse alocada no OP, o que se deu a partir do eixo temático dedicado a questões de cidadania.
- 31 É partir desse espaço que o grupo Identidade consegue, em conjunto com alguns outros ativistas, primeiro a implementação de um Disque- Defesa contra violência homofóbica, inaugurado em 2002, e depois, em 2003, a implementação do CRGLTTB da cidade, inaugurado no dia 31 de julho. Este Centro de Referência foi o primeiro serviço público voltado para a comunidade LGBT do país a oferecer os seguintes serviços: apoio psicológico, assistência social e assessoria jurídica para os casos de discriminação. Apesar das críticas que havia entre os integrantes do Identidade no período em que ocorreu o trabalho de campo desta pesquisa, que se concentravam sobre a maneira pela qual o CRGLTTB foi *deixado de lado pela prefeitura*, seus integrantes reconhecem a importância da implementação de uma política pública desse porte.
- 32 A convivência entre diversas matizes ideológicas de esquerda, com diferentes graus de radicalidade que se faziam sentir no grupo, trazia em si tensões que o levaram a outra fase. Depois de um período atuando como ONG, uma parcela do grupo, aquela que continuou no Identidade após as discussões das quais tratam este parágrafo, passou a questionar esse formato. A preocupação desses integrantes dizia respeito aos impactos que o financiamento dos projetos por órgãos ligados ao Estado poderiam ter sobre a autonomia do grupo. Foram organizadas reuniões sobre o papel do grupo e seu formato, em que se discutiu se deveriam *atuar como ONG* ou *como movimento social*.
- 33 Nesse processo, a maioria dos integrantes concordou que o grupo passou por experiências negativas na relação com o Estado mediada por projetos, como cobranças e exigências, tidas como indevidas, na prestação de contas, além da limitação na possibilidade de crítica ao Estado, gerada pelo uso de verbas públicas. Decidiu-se, desse modo, que os projetos deveriam ser deixados de lado para que a atuação se voltasse mais para o formato de *movimento social*. Nesse momento, a parcela de integrantes que acreditava se o modelo ONG mais interessante para atuar deixou o Identidade:

Ser ONG acabava trazendo uma série de prejuízos também pro grupo, principalmente porque o sistema de ONG no Brasil, se você não é uma ONG extremamente estruturada, que tem quatro ou cinco projetos, dez pessoas trabalhando dentro de uma ONG e sendo alguém que faça as discussões que a ordem quer que você faça, você não consegue se manter. Porque um projeto financiado pelo governo não paga todas as contas do grupo, você precisa se manter de uma outra forma também. Quando a gente viu isso, que a gente tava começando a se endividar e que a gente não podia bater panela pra criticar, por exemplo, o Estado porque ele era nosso financiador. Não, peraí, para, nós somos movimento social. Fizemos uma discussão profunda sobre o papel de um grupo de militância enquanto movimento social. O nível de autonomia que a gente precisava ter e aí a gente abandonou essa história de ser ONG por um bom tempo, é e aí vem uma outra fase, uma terceira fase do grupo que é a gente ficou sem sede. (Entrevista com Mateus)

- 34 O período que se segue – a terceira fase – pode ser considerado o mais radical do grupo. Essa radicalização fica evidente na mudança da própria definição dada ao grupo. Antes desse processo, o nome já havia passado por uma mudança: de “Grupo de Ação pela Cidadania Homossexual” para “Grupo de Ação pela Cidadania de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais”. Essa primeira mudança tinha por foco um caráter descritivo em relação à diversidade do sujeito político que compõe o grupo e na visibilidade das diferentes demandas e identidades. Num primeiro momento, os ativistas acreditavam que o termo “homossexual” abarcava todos os ativistas, porém, depois de algum tempo, o grupo acreditou que as *caixinhas* deveriam estar definidas no nome do grupo:

Quando o Identidade foi fundado se usava ainda a ideia de homossexual para vários grupos que abrangiam uma possibilidade maior. Quando houve a mudança para grupo de ação para a cidadania LGTTB, tinha a ideia de diversidade sexual, só que, principalmente as travestis defenderam que tivesse as letras porque elas queriam a afirmação da identidade delas. E naquele momento se pensou que aquilo era correto e se optou por, naquele momento, aquela denominação. (Entrevista com João)

- 35 Esse processo do Identidade acompanhou tendências presentes no movimento em âmbito nacional a partir do final dos anos 1990, a multiplicação e explicitação de categorias que compõem seu sujeito político (Facchini, 2005; Facchini; França, 2009; Facchini, 2009; Simões; Facchini, 2009). A definição mais recente do Identidade, no entanto, é “Grupo de Luta pela Diversidade Sexual”. Nota-se claramente uma radicalização na mudança do termo *ação* para *luta*, mudança que está diretamente relacionada à discussão e à crítica feita pelo grupo ao *modelo de ONG* e às relações que tende a estabelecer com agências estatais. A mudança no nome ocorreu em 2008, entretanto ela é um sinal das discussões que já vinham ocorrendo no grupo antes disso. Outro sinal claro da discussão travada no grupo é a substituição das categorias ligadas às identidades, organizadas hierarquicamente – LGTTB, que se diferenciava por trazer o L no início e o B no final num momento em que a maior parte dos grupos mistos em São Paulo se referia como LGBT –, pelo termo *diversidade sexual*, que dilui essas categorias tidas como *identitárias*.
- 36 A adoção do termo *diversidade sexual* está ligada aos debates em torno das teorias *pós-identitárias*, que fazem uma crítica à noção de identidade. Essa perspectiva se tornou cada vez mais presente com o processo de radicalização do grupo. O nome do grupo continua sendo Identidade, mas, no próprio logo (figura 1), algumas letras aparecem invertidas (o primeiro “E”, o “N”, o primeiro “D” e o “A”), o que também é uma alusão à crítica da noção de identidade. Esse logo difere bastante do usado anteriormente pelo grupo (figura 2), onde a palavra identidade aparece sem inversão e as categorias aparecem organizadas hierarquicamente.

- 37 Os entrevistados apontaram ainda uma quarta fase se delineando. Tal fase estaria relacionada aos debates realizados no grupo sobre a retomada da execução de alguns projetos em parceria com o Estado, através dos editais de DST/Aids. É importante ressaltar, no entanto, que os entrevistados enfatizam a manutenção de uma relação crítica em relação ao Estado a despeito dos apoios que obtenham. Portanto, o que o Identidade pretendia não era voltar ao *formato de ONG*, mas buscar uma maneira de executar alguns projetos, que permitam sustentar financeiramente o grupo, sem deixar de agir *como movimento social*, ou seja, sem abandonar as manifestações e as críticas radicais às instituições públicas.

## Conexões ativas, atores e processos

- 38 Muitos dos membros do grupo vieram de outras cidades ou estados, buscando trabalho ou estudo. Enquanto estivemos em campo acompanhamos a partida de um membro que voltou para sua cidade natal, na região nordeste do país: tendo terminado sua graduação, tentaria um mestrado em sua cidade de origem. Acompanhei também a mudança de uma ativista para a cidade de São Paulo, para trabalhar. Essas mudanças fazem com que, algumas vezes, esses membros que deixam Campinas, principalmente os que partem para cidades mais distantes, deixem de militar no Identidade, ao menos oficialmente, devido à distância.
- 39 Entretanto, o mesmo fato que faz com que integrantes do grupo deixem o Identidade para voltar para suas cidades, a migração em busca de trabalho ou estudo também renova seus quadros. Enquanto estivemos em campo conhecemos alguns novos membros, entre eles, um militante que veio para Campinas para cursar o Mestrado em 2009, e que, depois de algum tempo, passou a integrar o Identidade. Entre os próprios membros fundadores do grupo, temos pessoas que não nasceram na cidade e mudaram-se para ela para trabalhar ou para dar início a sua formação acadêmica.
- 40 A universidade é um importante ator no campo político do Identidade, apesar do grupo não se definir como um *grupo universitário*, nem ter suas origens diretamente ligadas à universidade. Esta importância está para além da renovação de seus quadros, expressando-se, também, no modo pelo qual o grupo se relaciona com a própria universidade, na formação acadêmica de uma parte do grupo, e no fato de parte dos integrantes fazerem da sexualidade um tema de pesquisa. Além disso, a participação de muitos integrantes em diversas edições do Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (ENUDES)<sup>11</sup> tem grande influência sobre a maneira como o grupo trata a sexualidade. Esse modo de compreensão tem como foco a crítica à atuação baseada em identidades sexuais (lésbica, gay, travesti, transexual, bissexual), utilizando-se das *teorias pós-identitárias* atribuídas a um ator político muitas vezes tido como apartado e homogêneo pela maior parte dos ativistas do movimento em âmbito nacional, *a academia*.
- 41 Tal relação com construtos teóricos atribuídos à produção acadêmica revela uma singularidade do movimento social numa cidade do interior que, embora seja de grande porte, tem muito de seu cotidiano marcado pelo fato de abrigar universidades, sendo que uma delas é uma das mais destacadas do país e um dos berços do movimento universitário por diversidade sexual. A importância da universidade como ator social no “campo” de ativismo do Identidade se mostra ainda pela tensão que a forte presença da universidade produz no que diz respeito à identidade militante dos membros: as entrevistas e a

etnografia indicaram importantes clivagens no grupo a partir de uma dicotomia entre *ser do movimento social* e *ser da universidade*.

- 42 A universidade, contudo, não é o único ator com o qual se estabelece uma relação mediada por especificidades locais. Cumpre enfatizar, também a relação que o Identidade estabelece com partidos de esquerda, em especial o PT, que além de ser governo municipal durante um período importante na atuação do grupo também se fazia presente na filiação de integrantes do grupo ao partido ou por ser o vínculo entre o Identidade e instituições que o apoiaram em sua trajetória, com cessão de espaço físico para reuniões ou mediação de processos de luta política.
- 43 O grupo nasce como uma organização que se volta para a *esquerda*, o que se explicita na figura de um de seus fundadores, João. Advogado de formação e militante do Partido dos Trabalhadores, João teve papel importante nas articulações iniciais. Por pertencer ao PT e ter trabalhado como assessor parlamentar de um vereador na cidade, João possuía grande número de contatos com organizações sindicais, por exemplo. Esses contatos permitiram ao Identidade realizar suas atividades em locais cedidos por tais apoiadores, no período em que o grupo carecia de uma sede. Além disso, alguns membros do grupo estão vinculados ou são militantes em outros partidos políticos da *esquerda*, como o PSOL.
- 44 O Identidade desde sua origem e no decorrer de sua história, manteve relação com partidos políticos de *esquerda* e organizações sindicais, o que leva a acreditar que essa relação dos membros com partidos que podem ser situados no campo da *esquerda*, tem grande importância na definição do grupo, por parte de seus membros, como sendo *anticapitalista*. Em discursos captados em campo, estão presentes afirmações como a de que *a desigualdade em relação ao gênero, ou à sexualidade, não vai desaparecer enquanto a exploração do homem pelo homem não deixar de existir*.
- 45 Não é só da esquerda que o grupo se aproxima, as entrevistas mostram uma constante busca do grupo para manter contato com o movimento negro, com a rede Afro-LGBT, com a qual o grupo divide membros, além de grupos de mulheres e movimentos como o “Passe Livre”. O discurso segue na direção de indicar que todas as *opressões* devem ser vencidas, não colocando as *especificidades* das questões LGBT acima das demais.
- 46 É importante enfatizar que este trabalho parte de referencial teórico que sugere buscar a compreensão do ideário político, da identidade institucional e das estratégias de atuação do grupo no contexto em que o mesmo está inserido e, mais especialmente, em suas “conexões ativas” (CARDOSO, 1987; DOIMO, 1995). Ou seja, nossa perspectiva valoriza as relações do Identidade com os atores sociais envolvidos em seu “campo” de ativismo. Tal qual aplicada por Carlos Nelson F. dos Santos (1977), a noção de “campo” se aplica “aos atores envolvidos diretamente no processo sob estudo”, mas é tido como “suficientemente flexível, podendo se contrair ou expandir para fora dos limites da arena”, que se refere a “uma área social ou cultural imediatamente adjacente ao campo (...), onde estariam os que, ainda que envolvidos diretamente com os participantes do campo, não estivessem envolvidos em seus processos definidores” (SANTOS, 1977, p. 32).
- 47 O que vimos até aqui indica que a experiência etnográfica não deslocou a perspectiva teórica inicialmente adotada nesta pesquisa, as “conexões ativas” com atores ligados à universidade, aos partidos de esquerda, a agências estatais, ao mercado e a outros movimentos sociais, como o movimento negro, o feminismo e os movimentos pelo direito à cidade, como o Passe Livre, mostraram ter um papel relevante no processo de formação de uma identidade institucional e da forma de atuação e de organização do grupo. Por

outro lado, também se mostraram relevantes as condições oferecidas pela configuração político-espacial da cidade de Campinas e pelas especificidades trazidas por se tratar de uma cidade de grande porte do interior paulista, em que a presença das universidades é marcante e que é centro de uma macrorregião, mas que também é apontada como *conservadora* pelos interlocutores desta pesquisa. A atuação cotidiana do grupo, mais do que seu ideário e processos de construção de identidade política e institucional, se mostraram um campo fértil para a complexidade da perspectiva que funcionou como ponto de partida para a pesquisa.

## Estratégias de atuação: atores, espaço e condições locais em interação

48 Em relação à atuação do grupo, nosso primeiro contato se deu por meio do *site* na internet. A seção *atuação* do *site* está dividida em *reuniões*, *estratégias* e *vídeos*. A seção *reuniões* traz uma foto de ativistas do grupo sentados na sala de reuniões da sede, conversando e a palavra *semanais*. A seção de *estratégias* mostra atividades realizadas em 2008 e 2009. O próprio *site* parece ter sido concebido em 2008, o que indica que pelo menos nos últimos anos esse modo de atuação é aquele que o grupo identifica como o seu e o que deve ser considerado.

49 A seção mostra uma campanha realizada por *emails* no Dia da Mentira – 1º. de abril de 2009 e, no ano de 2008, são descritas as atividades realizadas pelo grupo nas *comemorações* municipais do dia 8 de março e na Parada da cidade vizinha, Piracicaba:

O Identidade esteve presente na Comemoração do Dia da Mulher, organizado pela Prefeitura Municipal. Na ocasião, além do "Muro de Lamentações" (aos passantes era oferecida a possibilidade de colocar uma lamentação feminina na bandeira do arco-íris) foram entregues cópias do texto [intitulado "Dia Internacional da Mulher: dia de festa ou dia de luta?]", o texto cita dados de violação de direitos de mulheres e de travestis e transexuais e traz propostas que incluem temas como educação sexual, direito ao aborto e reconhecimento legal do nome social de transexuais].

Integrantes do Grupo Identidade e do Grupo MOLECA marcaram a presença da militância campineira na II Parada de Piracicaba, que aconteceu no último domingo, dia 07 de dezembro 2008. Levamos cartazes com as frases: "HETEROSSEXUAL, ESSA LUTA TAMBÉM TE LIBERTA", "VIVA A POLIGAMIA, POR QUE SUJA É A HIPOCRISIA" e "A PIADA MATA TANTO QUANTO A BALA", como fazemos de costume, para dar nossa contribuição política para a parada. Não temos como aferir a dimensão da nossa participação, mas sabemos que muita gente entendeu nosso recado.

50 Pelo espaço ocupado pelo conteúdo identificado como "estratégias" no *site*, parece haver uma ênfase do grupo colocada aí. Essas estratégias mostradas no *site* são marcadas pelo fato de serem intervenções que, embora dialoguem com instituições, não se dão por meio delas. Isso fica evidente nessa mesma sessão do *site*, ao final da página:

O Identidade acredita que a intervenção no cotidiano da cidade, em suas comemorações, nas festividades, mas também em espaços públicos e de passagem (e escolas!) são oportunidades de diálogo com a sociedade, possibilitando maior sensibilização e mais informação.

51 Aqui o grupo enfatiza o *cotidiano da cidade* como locus de *intervenção*, e coloca como objetivo dialogar com a sociedade, sensibilizando e informando. Parece tratar-se de uma "pedagogia" que se desenvolve a partir de "recados" provocativos e não necessariamente subordinados às bandeiras de luta do movimento LGBT mais amplo, como é o caso do reconhecimento das uniões entre pessoas do mesmo sexo e da luta por legislação que

criminalize a homofobia. Questões como a poligamia, por exemplo, ultrapassam em muito as bandeiras colocadas pelo movimento LGBT atualmente. Por outro lado, o uso de expressões como *luta* e *libertação* remetem a um vocabulário mais tradicional da esquerda e à “conexão ativa” em relação a partidos com tal alinhamento ideológico.

- 52 Apesar das estratégias do grupo não passarem, em sua maioria, por vias institucionais, não há um abandono dessas vias. Numa das ocasiões em campo, foi possível acompanhar o discurso do ativista João, em um debate sobre a Lei Estadual 10.948/2001 organizado na Câmara dos Vereadores da Cidade de Campinas. Depois das apresentações, o ativista agradeceu ao vereador Thiago Ferrari por promover o debate, mas fez uma crítica à cidade de Campinas: João disse que a *cidade já esteve mais aberta à comunidade LGBT e que as coisas têm ficado mais difíceis para a comunidade na cidade*. Nessa ocasião, a atuação do ativista vai na direção clássica de pressão ao Estado em prol da “comunidade” delimitada pelos LGBT. Essa acusação está ligada ao fato de que a administração anterior, do PT, foi mais frutífera no que diz respeito ao diálogo com o movimento LGBT e na produção de políticas públicas para essa “comunidade”.
- 53 É preciso destacar ainda que, embora boa parte das intervenções tenha por foco o combate à homofobia, elas não se restringem a ela. Em vários momentos o *site* e o *blog* se referem a homofobia e a sexismo, além de haver uma coordenadoria dedicada a questões raciais e de diversidade sexual, ou seja, a um entrecruzamento temático. No entanto, as intervenções promovem uma mistura desses temas. No dia 8 de março fala-se de questões caras ao movimento de mulheres e ao feminismo, mas também de outras questões que implicam questões de gênero, como as demandas de travestis e de transexuais. A intervenção feita no “dia da mentira” joga com a ideia de “mentiras” que são apresentadas como se fossem “verdades” e se refere ao trabalho como algo que enobrece, traz a questão da religião e da prevenção às DST/Aids (ao falar de que homens santos não precisam de proteção, com a imagem de uma embalagem de preservativo que traz o papa estampado em alusão à restrição do mesmo ao uso de preservativos) e critica de uma só vez o sonho heterossexual do casamento e a associação necessária entre mulheres e maternidade. Além disso, *heterossexuais* são chamados a se engajar a *luta* expressa na Parada e *todos* são responsabilizados pela homofobia.
- 54 Além dessas atividades, acompanhamos também outra importante atividade realizada pelo grupo, a manifestação em decorrência do assassinato de uma travesti militante do grupo, Camille. Essa manifestação será comparada com outra, que não foi acompanhada pessoalmente e é apresentada pelos ativistas no *site* em forma de vídeo.
- 55 Camille morreu no dia 24 de julho de 2010 na cidade de Campinas e, de acordo com a polícia, as causas do assassinato foram incertas. A manifestação foi marcada para ter início às dez horas do dia 7 de agosto de 2010, em frente à Estação Cultura (FEPASA) no centro da cidade. Foi pedido aos manifestantes que vestissem preto, em sinal de luto a morte de Camille. Transcrevemos agora um trecho do diário de campo para melhor compreensão dessas estratégias apresentadas:

Ao chegarmos à praça que fica em frente à Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Conceição, Márcia tomou a liderança dos manifestantes. Primeiro vieram às travestis, que seguravam o caixão com a bandeira do arco-íris, que representava a morte de Camille. Colocaram o caixão no chão, então os manifestantes colocaram as faixas, cartazes e os tambores em volta do caixão, e aí, a Márcia pediu que as pessoas fizessem círculos em volta do caixão. Depois que todas as pessoas sentaram em círculos, foram formados três círculos em volta do caixão, Márcia pediu que as pessoas que trouxeram nomes de pessoas que foram assassinadas ou vítimas de

violência se levantassem, dissessem o nome dessas pessoas e o motivo pelo qual elas sofreram violência, em resposta a cada pessoa citada os manifestantes respondiam: “presente”. [...] Depois que todos os nomes foram ditos, Márcia se levantou, e começou seu discurso. Primeiro, chamou atenção para as pessoas que foram vítimas da violência nesses últimos anos, não só em Campinas, foram citados exemplos de pessoas vitimadas por violência e/ou assassinadas em todo o Estado de São Paulo, além de outras regiões do Brasil. Ela também comparou o Brasil ao Irã, dizendo que diferentemente do país muçulmano, o Brasil não criminaliza a homossexualidade, mas faz vista grossa aos casos de violência homofóbica. Por fim, ela pediu que as pessoas que participavam do manifesto se abraçassem em volta do caixão e, depois disso, o movimento se dispersou. (Diário de campo, 07 de agosto de 2010).

- 56 Assim como a manifestação não foi apoiada apenas por travestis, o discurso de Márcia e o conteúdo do ato também não se remetiam apenas à violência contra travestis. As palavras homofobia e homossexualidade aparecem no discurso de Márcia como coletivos que remetem a várias identidades. A carta aberta<sup>12</sup> distribuída também não foca a imagem do “criminoso” em si ou do “homofóbico”, mas aponta a responsabilidade de todos pela morte de Camille, pois todos seriam *cúmplices* desse assassinato:

Mais uma vez uma travesti foi vítima da violência homofóbica!!!

Você que começa a ler esta carta, pode pensar: “O que eu tenho com isso?” Este ato e esta carta são pra lhe dizer, que você é responsável pela morte de Camilles, Flavinhas, Claudetes e tantas outras travestis e mulheres que morreram da mesma forma!!

COMO????? Cada vez que você católico ou evangélico ou muçulmano, que sendo conservador extremista, endossa os discursos dos seus líderes contra pessoas como nós, você arma o braço destes assassinos e se torna cúmplice de seus atos !!

Você que vota em deputados e senadores que visam seus próprios interesses, que fazem leis que discriminam pessoas e privilegiam outras. Você que fica sabendo desse tipo de violência, vira as costas e não se manifesta, também colabora para que esses assassinos se sintam acobertados por um manto de indiferença. Você permite que homofóbicos ajam com certeza de impunidade!! ! Afinal era só mais um “traveco”!!!

Este ato que você vê passar agora é pra mostrar a nossa dor pela morte de nossas meninas, nossas companheiras, as tantas como Camille Gerin, mortas covardemente! Este ato vem dizer que essa morte não passará impune!!

O assassino que ceifou a vida dela já está preso e hoje estamos aqui para “gritar”, no silêncio deste ato fúnebre, que você que lê esta carta ajudou a armar o braço dele!!

VOCÊ QUE LÊ ESTA CARTA, AJUDOU A MATAR CAMILLE!!!!!!

- 57 No site do Identidade encontramos um vídeo da manifestação realizada em protesto ao assassinato da travesti Flavinha, em fevereiro de 2008. Uma manhã de sábado, ativistas vestidos de preto se reúnem em frente à Catedral Metropolitana de Campinas. Portam faixas como “Homofobia mata”, “Mais uma vez travestis assassinadas em Campinas”, alguns carregavam alvos na altura do peito. Começam a caminhar pelas ruas do centro, distribuindo uma carta aberta cujo título é “Quem é o alvo da violência?”. O vídeo segue mostrando imagens do manifesto e um narrador começa a falar e aparentemente lê o texto da carta aberta

Quem é o alvo da violência? A violência em nossa cidade é presente e tem a cada dia feito mais vítimas. Nós estamos de luto pelo assassinato de mais uma travesti. Que ocorreu no dia 9 de fevereiro sem motivo aparente, diante desse fato, resolvemos caminhar com o intuito de sensibilizar autoridades e a sociedade de que a violência não pode ser aceita como uma realidade comum e sem solução. Será que devemos aceitar isso como algo que não tem nada a ver com nossas atitudes? Ou que a solução só está nas mãos de quem tem poder? Todos nós somos responsáveis e podemos mudar essa realidade. Ontem foi uma travesti, amanhã poderá ser um

nordestino, depois uma mulher negra, em breve, poderá ser você. Todos nós somos alvos da violência, mas a violência não é igual em todos os lugares da cidade, nem é a mesma com todas as pessoas. A solução dos crimes e a proteção das pessoas não são iguais porque, para muitos, algumas pessoas valem mais do que as outras. A vida de uma travesti negra e pobre tem menos valor do que a nossa vida? Muitas vezes o preconceito e a discriminação são os grandes motivadores desses atos contra a vida. O seu preconceito contribui para a violência? Fórum de Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Bissexuais de Campinas.[13]

- 58 Os dois atos e as duas cartas poderiam ser lidos como partes de um mesmo projeto “pedagógico”: numa todos poderiam ser “cúmplices” do assassinato de Camille; no outro, qualquer pessoa que acompanha o ato poderia estar no lugar de Flavinha e ser um “alvo” da violência. O texto do manifesto pelo assassinato de Flavinha joga com o fato da morte de uma travesti poder importar menos pelo fato de ser de algum modo portadora de um status “menos humano”, mas chama atenção para o fato de que são vários os “menos humanos” na sociedade em que vivemos, reforçando a atenção para questões de gênero, cor/“raça”, classe, regionalidade: *Todos nós somos alvos da violência, mas a violência não é igual em todos os lugares da cidade, nem é a mesma com todas as pessoas. A solução dos crimes e a proteção das pessoas não são iguais porque, para muitos, algumas pessoas valem mais do que as outras.*
- 59 A violência por preconceito é o mote das duas manifestações e das duas cartas e a estratégia é basicamente a mesma: roupas pretas, uma atmosfera fúnebre, início ou fim em igrejas, uso de símbolos marcantes que remetem à violência e ao luto, cartas abertas que dialogam diretamente com uma comunidade e que não se restringem a identidades específicas, e a diluição da própria identidade do “nós” que fala: homens, mulheres e travestis conduzem juntos manifestações em torno da morte de travestis. A humanidade da dor, da morte e do luto é contraposta à desumanidade do preconceito e da violência.

## Considerações finais

- 60 Um aporte fundamental para a análise empreendida neste artigo é a distinção entre “campo” e “arena” elaborada por Swartz (1968) para o estudo de política local, tal qual aplicada por Carlos Nelson F. dos Santos (1977). Aplicando essa distinção ao movimento LGBT, no “campo” estariam todos os atores sociais diretamente envolvidos em seu cotidiano, como as organizações ativistas, as agências estatais e poderes públicos com os quais se relaciona, as universidades e os atores do mercado que abrem espaço ou se dirigem a homossexuais. Na “arena” estariam todos aqueles que poderiam se reconhecer ou ser reconhecidos a partir das categorias enunciadas no sujeito político do movimento, sem, no entanto, estarem diretamente envolvidos no cotidiano da militância (FACCHINI, 2005).
- 61 O conceito de “campo” foi ponto de partida para explorar as “conexões ativas” na análise do movimento. As “conexões ativas” são justamente as maneiras pelas quais se dão as relações entre os diversos atores sociais envolvidos no “campo” de ativismo do grupo (CARDOSO, 1987; DOIMO, 1995; SANTOS, 1977). Esta pesquisa indicou que: 1) as “conexões ativas” com atores ligados à universidade, aos partidos de esquerda, a agências estatais, ao mercado e a outros movimentos sociais, como o movimento negro, o feminismo e os movimentos pelo direito à cidade, como o Passe Livre, mostraram ter um papel relevante no processo de formação de uma identidade institucional e da forma de atuação e de organização do grupo; 2) a própria constituição do “campo” do movimento LGBT local, e

do grupo Identidade em particular, encontra-se perpassada por condições específicas oferecidas pela cidade de Campinas.

- 62 Além disso, a análise mais detalhada da atuação cotidiana do grupo Identidade contribuiu no sentido de relativizar tendências que têm sido apontadas pelo estudo do movimento LGBT a partir de capitais. Assim, gostaríamos de tomar a análise da atuação do grupo no cotidiano da cidade como ponto de partida para flexibilizar tendências (Facchini, 2009) identificadas a partir de um olhar para a atuação em capitais. Tais tendências tomam por base mudanças potenciais relacionadas à entrada das demandas de LGBT na agenda política dos Direitos Humanos, o que implicaria a redução da interação face a face formal e sistemática nos locais de sociabilidade LGBT, exigida pelos projetos relacionados à prevenção à DST/Aids, em favor da dedicação a estratégias de *incidência política* junto a parlamentares, técnicos e gestores governamentais. A valorização de tais estratégias poderia implicar na aproximação entre a linguagem ativista e aquela própria da política praticada no âmbito do Estado e um consequente distanciamento em relação ao modo como as pessoas na “arena” ou na “base social” do movimento entendem a si mesmas e suas demandas.
- 63 Facchini (2009) chama atenção para o fato de que a Conferência Nacional LGBT de 2008 tenha cunhado termos específicos para designar a violência contra lésbicas e travestis e transexuais – *lesbofobia* e *transfobia* – o que poderia dificultar o diálogo com a população e a compreensão das demandas colocadas no espaço público pelo movimento LGBT. Nesse sentido, o Identidade parece seguir na contramão das tendências que têm sido identificadas no estudo do movimento LGBT a partir de redes de visibilidade nacional e de organizações situadas em capitais brasileiras.
- 64 O Identidade segue na contramão em relação às análises de que o movimento LGBT, assim como outros movimentos contemporâneos, operaria por uma crescente especificação de identidades e demandas. Isso se dá na medida em que, colocando-se numa posição contra-hegemônica no campo político do movimento nacional, recorreu a uma combinação entre pensamento de esquerda e teorias *pós-identitárias* para reconfigurar seu modelo de atuação. Para além disso, seu modelo de atuação, fortemente orientado para a intervenção no espaço público, que se vale de comemorações locais e da ocupação de espaços mais tradicionais como pátios de igrejas e estreitas ruas comerciais, nos convida a relativizar a ideia de uma tendência de distanciamento do movimento em relação à “arena”. No caso do Identidade, a ênfase pós-identitária combinada à intervenção no espaço público não só parece ter aproximado o movimento de sua “base social” como estendido os limites da “arena” aos moradores da cidade de Campinas. A posição de Campinas como sede da Região Metropolitana é explorada de modo a ampliar ainda mais a “arena”, que passa englobar a população de outros municípios. Assim, é no espaço da cidade que se articula e materializa seu discurso.

---

## BIBLIOGRAFIA

- CÂMARA, C. **Cidadania e orientação sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa**. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.
- CARDOSO, R. **Movimentos sociais na América Latina**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 27-37, 1987.
- CARRARA, S. **O Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e o “lugar” da homossexualidade**. In: GROSSI, M. P. Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades. Rio de Janeiro: Garamond. 2005
- DOIMO, A. M. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ANPOCS, 1995.
- FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FACCHINI, R. **Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro**. In: Revista Bagoas, Natal, n. 4, pp. 131-158, 2009.
- FACCHINI, R; FRANÇA, I. L.. **De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro**. In: Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, n. 3, pp. 55-81, 2009.
- FRANÇA, I. L. **Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006a.
- FRANÇA, I. L. **Cada macaco no seu galho?: arranjos de poder, políticas identitárias e segmentação de mercado no movimento homossexual**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, vol. 21, n. 60, p. 103-115, 2006b.
- FRANÇA, I. L. **Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre. n. 28, p. 289-311, 2007.
- FRY, P. **Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil**. In: FRY, Peter. Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira. pp.87-115 Rio de Janeiro: Zahar, 1982..
- FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- GREEN, J. N. **Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis**. In: Cadernos Pagu, Campinas, n. 15, p.271-295, 2000.
- HAILER, M. **Conferência Nacional LGBT inicia sob protestos contra veto ao Kit anti-homofobia**. Política/Especial. A capa. 2011. Disponível em: <http://acapa.virgula.uol.com.br/politica/conferencia-nacional-lgbt-inicia-sob-protestos-contraveto-ao-kit-antihomofobia-assista/2/5/15396> Acesso: 29.Mar.2012

IBGE. **Censo Demográfico 2010 – Cidades do Estado de São Paulo**. Disponível em: [http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados\\_dou/SP2010.pdf](http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_dou/SP2010.pdf) Acesso em: 21. Jul. 2010.

MACHADO, F. V. ; PRADO, Marco A. M. **Movimentos homossexuais: a constituição da identidade coletiva entre a economia e a cultura. O caso de dois grupos brasileiros**. In: Interações, vol.10, n.19, p.35-62, 2005.

MACRAE, E. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. **4 Anos Orçamento Participativo de Campinas**. 2004

SILVA, C. R. da. . **Reinventando o Sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo.1998

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. **Na trilha do arco-íris: do homossexual ao movimento LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

VANCE, C. A **Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico**. Physis - Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.5, n.1, 1995.

SANTOS, C. N. F. **Três movimentos sociais urbanos no Rio de Janeiro: padres, profissionais liberais, técnicos do governo e moradores em geral servindo-se de uma mesma causa**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, n. 2., pp. 29-60.1997

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Portaria Nº 1.373, de 01 De Julho De 2011**. Disponível em: [http://www.sdh.gov.br/clientes/sedh/sedh/conselho/cncd/conferencia-nacional-lgbt-1/copy\\_of\\_1a-conferencia-2008/Regimento%20Interno%20da%20a%20CNLGBT.pdf](http://www.sdh.gov.br/clientes/sedh/sedh/conselho/cncd/conferencia-nacional-lgbt-1/copy_of_1a-conferencia-2008/Regimento%20Interno%20da%20a%20CNLGBT.pdf) Acesso: 29.Mar.2012.

SWARTZ, M. **Local-level politics**. Chicago: Aldine, 1968.

## NOTAS DE FIM

1. “É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”.
2. Conferir *site* do Supremo Tribunal Federal: [http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/publicacaoInformativoTema/anexo/Informativo\\_mensal\\_maio\\_2011.pdf](http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/publicacaoInformativoTema/anexo/Informativo_mensal_maio_2011.pdf) Acesso em: 03.Ago.2011
3. Entre os trabalhos destacamos: Câmara (2002); Facchini (2005, 2009); Facchini e França, (2009); França (2006a, 2006b, 2007); Fry (1982); Fry e MacRae (1983); Green (2000); Machado e Prado (2005); MacRae (1990); Silva (1998); Simões e Facchini (2009).
4. Conferir *site* Agencamp: [http://www.agencamp.sp.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=7&Itemid=12&lang=pt](http://www.agencamp.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=12&lang=pt) Acesso em: 03.Ago.2011
5. Entre os entrevistados, todos haviam cursado o ensino superior, sendo que destes, quatro concluíram ou estão matriculados em um curso de pós-graduação e, dentre eles, três têm sua área de pesquisa voltada para gênero e/ou sexualidade. É importante ressaltar que neste artigo optamos por manter em sigilo os nomes dos entrevistados, bem como das pessoas que aparecem em relatos de campo; portanto recorreremos ao uso de pseudônimos para a essas pessoas quando citadas. Dos seis entrevistados na pesquisa, as falas de quatro são utilizadas neste artigo: Mateus, João, Duquesa e Ana. João foi um dos fundadores do Identidade e é o único membro que permanece no grupo até a atualidade. Mateus e Duquesa são membros antigos e

têm certa centralidade no grupo hoje, porém nenhum dos dois esteve presente no momento da fundação deste. Ana é membro do Mo.Le.Ca., é uma das fundadoras do grupo e sua coordenadora até hoje. Além deles, outra importante ativista que aparece nesse artigo é Márcia, militante travesti do Identidade com papel central no grupo.

6. <http://www.identidade.org.br> Acesso em: 23.fev.2012 e <http://blog.identidade.org.br> Acesso em: 23/02/2012

7. Apesar de nas entrevistas ser ressaltado o fato do grupo passar a *existir oficialmente* com o registro do grupo em cartório, é notório que o grupo tem sua existência antes do registro.

8. As críticas do grupo à ABGLT estão ligadas ao seu formato institucionalizado, bem como à *falta de cobrança* por parte da instituição em relação ao Estado.

9. Informações retiradas do site da ABGLT: <http://www.abgl.org.br/port/index.php> Acesso em: 23.fev. 2012.

10. Apesar de Toninho tomar posse em 2001, neste mesmo ano o então prefeito de Campinas foi assassinado e toma posse, a vice-prefeita Izalene Tiene, também do PT .

11. O VIII ENUDS aconteceu na Universidade Estadual de Campinas, em 2010, e foi organizado pelo grupo Identidade com a colaboração de ativistas que não estão vinculados ao Identidade e de alunos da Unicamp, nem todos com vínculos ao Movimento LGBT. Para mais informações consultar: <http://www.identidade.org.br/2010/> Acesso em: 11.abr.2012.

12. Disponível em: <http://identidade.org.br/blog2/?p=77> Acesso> 11.abr.2012

## RESUMOS

Este artigo tem por foco a trajetória do Identidade, grupo ativista do movimento LGBT (de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), atuante a partir de 1998 na cidade de Campinas. O que pretendemos apresentar é uma análise da trajetória do grupo, acentuando as mudanças no ideário e na identidade institucional e política adotadas pelo mesmo, bem como as relações entre tais processos e as conexões do grupo com os atores sociais envolvidos em seu campo ativista. A exploração da articulação entre o ideário do grupo e o espaço da cidade, por meio da análise de sua atuação, é a base para relativizar tendências apontadas por pesquisas realizadas a partir da realidade de redes ativistas de ampla visibilidade nacional e de organizações atuantes em capitais brasileiras.

This article focus on the pathway of Identidade, an activist group of the LGBT (lesbian, gay, bisexual and transgender) social movement, active since 1998 in the city of Campinas. What we aim the present is an analysis of the group trajectory, emphasizing the changes in its ideology and in the political institutional identity, as well as the relations between such processes and the connections of the group with the social actors involved in its activist field. The basis to relativize tendencies pointed by researches conducted from the reality of activists network with wide national visibility and of the organizations active in Brazilian capitals is the exploration of the articulation between the ideology of the group and the city space by means of the analysis of its acting.

## ÍNDICE

**Keywords:** homosexuality, LGBT movement, social movement

**Palavras-chave:** homossexualidade, movimento LGBT, movimentos sociais Brasil

## AUTORES

### **VINÍCIUS PEDRO CORREIA ZANOLI**

Graduando em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH – Unicamp). Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, sob orientação de Regina Facchini, no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu da Unicamp.

### **REGINA FACCHINI**

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu e professora do Programa de Doutorado em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, todos da Unicamp.